

O ENTENDIMENTO DO PROFESSOR SOBRE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: OS MECANISMOS POSTOS EM PRÁTICA NA SALA DE AULA

Luis Antônio Assis Lopes¹
Lucas Antônio Ribeiro Cardoso²
Ítalo Rodrigo Paulino de Arruda³

RESUMO: É de suma relevância para o ensino de ciências, buscarmos entender o que acham os educadores a respeito do processo de avaliação, o qual se torna hoje em nossa educação, o mecanismo que permeia diversas discussões a respeito de sua aplicabilidade. Seria ainda um método excludente e classificatório ou um momento de reflexão para o processo de ensino e aprendizagem? Partindo desse questionamento, buscamos construir um trabalho que nos permitisse compreender como é a prática em sala de aula, hoje, e como se desenvolve a avaliação da aprendizagem. Contamos com uma metodologia qualitativa e entrevista na busca dos dados que nos mostrem tal realidade, e através de autores como Hoffman (2003) e Luckesi (2002), foi possível ter nosso embasamento teórico. Os mecanismos de avaliação fazem parte da educação de maneira expressiva, tendo em vista que para se concluir as etapas de ensino básico, atualmente, os estudantes tem que ser “aprovados” nas séries fundamentais e médio. Os educadores contemporâneos estão se abrindo há um leque de abordagens e mecanismos didáticos e pedagógicos que deslumbram toda a fundamentação teórica do que é hoje avaliar e aprender.

Palavras Chaves: Avaliação da Aprendizagem; Educadores; Ensino;

INTRODUÇÃO

Atualmente, a educação não possui uma única responsabilidade, como se pensava anos atrás, apenas incumbida do conhecimento pedagógico e instrução pública como modelo de ensino a leitura e escrita. Hoje a educação tem um papel fundamental na construção da sociedade, corroborando para o desenvolvimento de todas as suas esferas, econômica, política e social. Por isso, avaliar o processo de aprendizagem na educação enquanto fio condutor do ser humano, é necessário para entendermos como o indivíduo está sendo formado.

O processo de avaliação se encontra voltado socialmente a respeito dos educadores, educandos, a escola e a comunidade que se está inserida, tornando necessário conhecer a realidade de cada um, e trabalhando o conhecimento pedagógico interno ou externo em relação a determinado cenário. Além disso, é importante aprender a construir uma rede de relações

¹ Graduando em Pedagogia, pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE: luislopesaa@gmail.com

² Graduado em Geografia e Licenciando em Pedagogia, pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; lucascardoso18@outlook.com

³ Mestrando em Geografia, PPGE, pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE: italotavares0811@gmail.com

dentro do sistema educacional, que auxilie os envolvidos, assim como mediar os conflitos de interesses que surgirem, tanto do educador, como do educando.

A avaliação da aprendizagem a partir da formação e transformação no âmbito social do aluno possui como deveres um desenvolvimento em uma didática e metodologia de ensino aplicada pelo professor, ajudando a um avanço e crescimento pedagógico do educando. As práticas disciplinadoras até um certo tempo no nível educacional, foram as responsáveis pela estagnação do conhecimento.

Nossa pesquisa, teve como enfoque principal, analisar o conhecimento de dois professores da educação básica a respeito da avaliação da aprendizagem, mediante a isso, construir dois pontos específicos, o primeiro compreender a concepção de cada um e sua aplicação em sala de aula e o segundo discutir a avaliação posta em prática na sala de aula. Avaliação da aprendizagem, levanta uma discussão em meio aos instrumentos avaliativos utilizados antigamente, e que perdura até os dias atuais. O qual surge uma divergência de ideias em relação a sua aplicação no meio educacional, sendo uma delas a mais pertinente, a prova. Está ainda enraizado nas ideias dos profissionais da educação como apenas um instrumento de avaliação, que muitos professores não aceitam que existem e é possível aplicar diversos outros meios legais de avaliar o alunado. De acordo com Hoffman (2003), professores estiveram muito ansiosos para saber como utilizar, por exemplo, a prova e a utilização e notas de uma maneira mais coerente no âmbito escolar.

DESENVOLVIMENTO

Muito se discute a respeito do avaliar, como e quando deve ser feito na estrutura do que conhecemos hoje, as escolas possuem o processo de avaliação como mecanismo de aprovação, que é feito ao final de cada ciclo, divididos em bimestre ou semestres. Para Luckesi (2002) o processo de avaliar passa por uma discussão constante, no âmbito que permeia a educação escolar, e é entendido como um processo que deve apontar para a reconstrução permanente dos conteúdos aprendidos; sendo este método uma prática avaliativa do instrumento da visibilidade dos erros relativos aos conteúdos assimilados.

Para Oliveira (2001), o ensino é a orientação e o acompanhamento da aprendizagem do aluno. Ensinar é uma atividade incentivadora e orientadora do processo de aprendizagem dos alunos. Esta concepção do autor, está ligada ao que hoje conhecemos como a pedagogia progressista.

Essa ruptura com o tradicionalismo, inicia-se através do empenho do professor em inserir seu método de ensino numa perspectiva mais democrática. Para Vasconcellos (1995)

(83) 3322.3222

contato@conapesc.com.br

www.conapesc.com.br

enquanto o professor não mudar a forma de trabalhar em sala de aula, ele dificilmente vai conseguir mudar a avaliação formal, decorativa, autoritária, repetitiva e sem sentido. Segundo Fernandes (2005) persistem ainda o domínio das práticas de avaliação que, em seu cerne, visam a classificação, em detrimento de práticas que também tenham em conta a necessidade de melhorar e de compreender o que se tem de aprender.

Se faz então pertinente que os educadores busquem a avaliação do aprendizado, não como uma maneira de se classificar e dividir o seu alunado, mas contribuir para o exercício pleno do processo de ensino aprendizagem, auxiliando mediante a esse processo, que o educando possa entender que além de aprender ele ensina e que o professor, além de ensinar, ele aprende. Luckesi (2002) nos diz que a prática da avaliação da aprendizagem, em seu sentido pleno, só será possível na medida em que se estiver efetivamente interessado na aprendizagem do educando, ou seja, há que se estar interessado que o educando aprenda aquilo que está sendo ensinado.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa foi resultado de um trabalho solicitado na disciplina de avaliação da aprendizagem, ofertada nos cursos de Pedagogia e nas diversas Licenciaturas, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. O trabalho foi de caráter qualitativo, em concordância com Estéban (2010), a pesquisa qualitativa, enquanto atividade sistemática de investigação volta-se para a compreensão dos fenômenos educativos, bem como à transformação de práticas, sujeitos e cenários aí envolvidos. Uma característica fundamental dos estudos qualitativos é sua atenção ao contexto, já que a experiência se afirmar e tem lugar em contextos particulares, de maneira que os acontecimentos não podem ser compreendidos se são separados daqueles.

Utilizamos da pesquisa semiestruturada como mecanismo para obtenção dos resultados os quais são pertinentes a temática e a nossa proposta. Para Triviños (1987) o questionamento semiestruturado que tem como objetivo principal colocado pelo investigador/pesquisador, alguns questionamentos básicos que são atrelados a contextos que se relacionam com o tema da pesquisa. As respostas da entrevista poderiam nos trazer novos rumos a pesquisa, ou apenas nos conceder aquilo que estávamos empenhadas em buscar. Os atores participantes da pesquisa, foram dois professores, um da rede pública e outro da rede privada, ambos da cidade de Moreno, município que faz parte da Região Metropolitana do Recife, capital do estado de Pernambuco. O município localiza-se a uma latitude 08°07'07" sul e a uma longitude 35°05'32" oeste, estando a uma altitude de 96 metros. Sua população estimada em 2010 era de 56.696 habitantes segundo

(83) 3322.3222

contato@conapesc.com.br

www.conapesc.com.br

o DATASUS. Divide-se em dois distritos, Bonança e Moreno. Possui uma área de 192,14 km², o que corresponde a uma densidade de 283 hab/km², em dados de 2004. A seguir, a localização no mapa da cidade em relação ao estado.

Figura 1: Localização do Município de Moreno, em relação ao estado de Pernambuco.



Fonte: Brazil Pernambuco location map.svg: Shadowfox/Marcos Elias de Oliveira Júnior, 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Um dos momentos evidenciados no desenvolvimento do trabalho, primeiramente foi o desgaste vindo dos próprios docentes em relação a sala de aula. Isso se dá por diversos fatores, como a desvalorização do salário, falta de aparatos que auxiliam o trabalho pedagógico, questões de estímulo por parte do alunado entre outros. Segundo Nóvoa (1992), os educadores não são valorizados e o salário de muito deles, em sua maioria, não dá nem sequer para o próprio sustento. O que se evidencia hoje em dia no cenário brasileiro da educação, de certa forma, é uma atitude de comodismo e uma discussão descentralizadora sobre como se melhorar o método avaliativo em sala de aula.

A uma descrença que se tem a respeito de como propor mecanismos de avaliação de um modo inovador, em contrapartida o tradicionalismo já não é muito querido pelos profissionais da educação, aonde os mesmos que auto avaliam o processo de ensino aprendizagem. Exemplo disso é a avaliação tradicional com método classificatório, de fato mostra se o aluno assimilou tal conteúdo, porém de uma maneira muitas vezes reprodutora e decorativa. Para Hoffman (2003), A avaliação tradicional não deve ser de maneira alguma vilanizada por nós futuros e já profissionais da educação, todavia a mesma, como qualquer outro método de avaliar deve ser

(83) 3322.3222

contato@conapesc.com.br

www.conapesc.com.br

meramente discutido. Onde nesta mesma discussão possa está em pauta soluções coerentes a ser aplicadas em todo âmbito escolar. Seja ele em todos os níveis desde o ensino básico ao superior.

Na abordagem tradicional o professor se apresenta como “dono da verdade” e leva o conteúdo do que convém à sua maneira. E o aluno é obrigado muitas vezes pelo sistema educacional a absorver tal assunto. Adentrando a um cenário excludente, o qual aonde ele será taxado de incompetente se o mesmo não realizar de maneira exitosa o que o docente cobrar. Quando ocorre um erro na avaliação, o professor tradicional em hipótese alguma assume que houve tal falha. Vemos nitidamente em uma as respostas obtidas na entrevista. Como o caso do professor “A” que quando questionado a respeito do reparo deste erro, o mesmo disse o seguinte; *“O professor deve preparar um novo, substituindo o que falhou.”*

Em contrapartida o professor “B” respondeu a mesma pergunta da seguinte maneira; *“Bom, não nascemos com a verdade e inteligência formada. Construímos dia a dia, ação por ação. Sobre o erro em uma das minhas técnicas ou instrumento, irei analisar o que foi proposto e o que é necessário alcançar. Acho que essa pergunta, não é fixa, ela é momentânea.”* Os dois discursos estão correlacionados de uma maneira em que, se analisarmos o sistema atual da educação, vimos que não existe aparatos técnicos e muitas vezes físicos para se deter de uma discussão professor e aluno a respeito do erro. O processo de reparo e uma nova proposta para construção do conhecimento tem de ser processual e contínua.

No tradicionalismo fica inerente a realização desta maneira de avaliação pois sim, ao corrigir um erro. O professor ou até o estudante está sim de uma forma construtivista reparando sua falha e refletindo o que pode melhorar. A correção de falha faz parte do meio em que se aplica o processo avaliativo. Nota-se que os professores entrevistados, principalmente o educador A, foi bem objetivo em sua resposta. Inferimos de acordo Hoffman (2003), que o processo se daria numa perspectiva em que impulsionaria de uma forma harmoniosa o aprendizado sobrepondo ou melhor paralelamente a correção da falha que se deu o método de avaliar. A educação ela vem durante muitos anos sofrendo um processo de transformação contínua, buscando uma estabilidade educacional de boa qualidade. Mas aí vejamos o seguinte: Qual seria o modelo de escola ideal a ser instaurar no Brasil? Todos os modelos, abordagens pedagógicas e mecanismos avaliativos tem suas vertentes, sejam elas positivas ou negativas. Cabe a todos componentes da educação trazer uma pauta abrangente e que ao invés de se excluir, inclua todos que tem direito a educação de qualidade.

O entendimento dos professores a respeito da “Avaliação da Aprendizagem.”

Avaliação escolar está inserida num contexto global sobre o que se aplica pedagogicamente em sala de aula, podemos observar que o corpo educacional está voltado a pautar ideias que auxiliem cada vez mais numa perspectiva plural de se avaliar todo o campo educacional. Foi perguntado aos respectivos professores sobre o que os mesmos entendem por Avaliação da Aprendizagem. O professor “A” disse o seguinte; *“Acompanhar o desenvolvimento do aluno, em relação ao conteúdo dado em sala de aula.”* Conclui-se que há um conhecimento um pouco restrito sobre avaliação, por trás de cada professor, tem sempre algum embasamento teórico. Neste caso, podemos arriscar que até mesmo o empirismo está implícito. De acordo com Luckesi (1998), a avaliação da aprendizagem está sendo praticada independente do processo ensino-aprendizagem, pois mais importante do que ser uma oportunidade de aprendizagem significativa, a avaliação vem se tornando um instrumento de ameaça.

Tal fato nos mostra que nesta concepção, fica nítido quem ensina e quem aprende. Segundo Weisz (2009) O que se ensina e o que se pode ensinar é decorrente do famoso quadro de pergunta e resposta, e conseqüentemente se responder certo é o que evidencia o aprendizado no senso comum. O professor “B” nos respondeu o seguinte:

“É uma avaliação que busca a transformação social do alunado e deve ter como objetivo principal na sua didática e metodologia de ensino o avanço e o crescimento do seu educando e não estagnar o conhecimento através de práticas disciplinadoras. Ela consiste em verificar o que o aluno aprendeu e se os objetivos propostos foram atingidos e se o programa foi conduzido de forma adequada.”

Esta segunda resposta se aproxima mais de uma percepção construtivista, se compararmos com a resposta do professor A. É justamente na utilização da didática e metodologia, que a avaliação é feita de um modo coerente, mediante a abordagem utilizada pelo professor em sala de aula. Vale salientar que, nos dias atuais detemos de inúmeras ferramentas que nos norteiam a prática a pluralidade de ensinar e aprender. Weisz (2009) nos diz que o conhecimento não é gerado do nada, é uma transformação a partir do conhecimento que já existe. Essa é afirmação de que o conhecimento prévio do aprendiz é base de novas aprendizagens.

Na medida em que a avaliação das escolas de esfera pública a privada se centra em provas e exames e alguns tipos de mérito, não há uma melhoria na qualidade da aprendizagem dos alunados e nem da sua perfeição de conteúdo. Caso seja necessária a utilização de provas,

é preciso deixar claro que ela é apenas um tipo de instrumento que o professor pode utilizar no sistema escolar. Uma avaliação com aprendizado que busca a promoção e transformação social deve ter como objetivo o avanço e o crescimento do seu educando em todas as habilidades e não estagnar o conhecimento através de algumas práticas disciplinadoras arcaicas. Para Libâneo (1998), o educador desempenha o papel de mediar esse conhecimento do aluno com os assuntos pedagógicos das disciplinas que a ele compete ensinar. Possibilitando que o educando seja capaz de construir um conhecimento, mediante ao seu aprendizado, tornando o educador um agente transformador em desenvolver a capacidade cognitiva e despertar o interesse do aluno ao processo de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor possui um papel muito importante em nesse cenário, pois ele é responsável em guiar o aluno ao conhecimento e ao aprendizado, sendo ele a representação de um instrumento indispensável na verificação do entendimento contínuo dos educandos. Vale salientar que o processo de avaliação deve destacar as dificuldades em determinada disciplina e direcionar os professores na busca de abordagens que contemplem métodos didáticos adequados para elas. O educador deve ter sempre um planejamento, mesmo que não consiga concluí-lo, ele deve ter a certeza de que ensinou e conduziu seus estudantes a absorver, construir e colocar em prática.

A prática avaliativa tem que centrar-se no diagnóstico e não na classificação. A função classificatória é analisar o desempenho do aluno através de notas obtidas, geralmente registrada através de números. Ela retira da prática da avaliação tudo o que é construtivo. Por sua vez, a diagnóstica constitui-se num processo de avançar no desenvolvimento e no crescimento da autonomia do educando, sendo capaz de descobrir seu nível de aprendizagem, adquirindo consciência das suas limitações e necessidades a serem avançadas.

A avaliação da aprendizagem no contexto escolar em geral está sendo voltada para a preparação de exames. Isso acontece porque os sistemas de ensino atuais estão interessados nos percentuais de aprovação e reprovação dos alunos e na meritocracia existente. Com isso, os procedimentos de avaliação se tornam elementos motivadores em busca de resultados.

REFERÊNCIAS

ESTEBAN, M. P. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre. AMGH, 2010.

FERNANDES, D. **Dos Fundamentos e das Práticas**. Da Avaliação como Medida à Avaliação Formativa Alternativa (AFA). In: Avaliação das Aprendizagens: Desafios às teorias, práticas e políticas. Lisboa: Texto: Editores, 2005, p.p. 55-63

HOFFMAN, J. **Avaliação: mito & desafio**. Uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão das Escolas - Teoria e Prática**. Goiânia: Alternativa, 1998.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortez, 2002.

NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

OLIVEIRA, R. P. de; ADRIÃO, Theresa (org.). **Gestão, financiamento e direito à educação**. Análise da LDB e Constituição Federal. São Paulo: Xamã, p. 15-43. 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 1995.

WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2009.